

Pedagogia social e o conceito de inacabamento em Paulo Freire

CLAUDIO DOMINGOS FERNANDES¹

MARCO AURÉLIO PINHEIRO MAIDA²

Resumo

A pedagogia social é uma pedagogia voltada para a libertação da pessoa concreta, inserida na história. Privilegia a valorização da comunicação e do diálogo, a confiança na capacidade do ser humano em refazer-se e refazer a história. Nessa perspectiva, a influência de Paulo Freire no âmbito da educação popular, social e comunitária é reconhecida em todo o mundo e está presente nas políticas públicas de cultura e de saúde, por meio de planos nacionais instituídos em todo o território nacional, mas, curiosamente, não na educação, seu campo de ação e reflexão, no qual a incorporação de seu vasto cabedal ainda é resultante de experiências pontuais e isoladas. De sua relação com a pedagogia popular, Roberto da Silva, professor da Universidade de São Paulo, lembra que, no Brasil, pedagogia social e educação popular não apenas se confundem, mas têm, em Paulo Freire, um de seus pioneiros, ainda que ele não tenha escrito sobre o tema. No presente artigo, pretende-se aproximar o conceito de pedagogia social, desde o horizonte em que ela nasce em meio a revolução industrial alemã, ao conceito de inacabamento, proposto por Paulo Freire e que converge para a valorização e a defesa da pessoa contra toda forma de opressão, autoritarismo ou alienação.

Palavras-chave: Pedagogia social. Educação popular. Diálogo.

Social pedagogy and the concept of incompleteness in Paulo Freire

Abstract

The Social Pedagogy is a pedagogy focused on the liberation of the concrete person, inserted in history; privileges the value of communication and dialo-

gue; confidence in the human being's ability to redo him/herself and redo history. In this perspective, the influence of Paulo Freire in the field of Popular, Social and Community Education is recognized throughout the world, being present in the public policies of Culture and Health, through national plans established all over the national territory. Curiously, such influence is not present in Education, Freire's field of action and reflection, in which the incorporation of his vast knowledge is still the result of specific and isolated experiences. Roberto da Silva, Professor at the University of São Paulo, points out that in Brazil, "Social Pedagogy and Popular Education are not only interlinked, but Paulo Freire is one of his pioneers, although Paulo Freire did not write about the subject." In the present article, we intend to approach the concept of Social Pedagogy, from the horizon in which it arises during the German industrial revolution, to the concept of 'inacabamento', proposed by Paulo Freire and that converges for the valorization and the defense of the person against all forms of oppression, authoritarianism or alienation.

Keywords: Social pedagogy. Popular education. Dialog.

Pedagogía social y el concepto de inacabamiento en Paulo Freire

Resumen

La Pedagogía Social es una pedagogía orientada hacia la liberación de la persona concreta, inserta en la historia; privilegia la valorización de la comunicación y del diálogo; la confianza en la capacidad del ser humano en rehacer y rehacer la historia. En esta perspectiva, la influencia de Paulo Freire en el ámbito de la Educación Popular, Social y Comunitaria es reconocida en todo el mundo, y está presente en las políticas públicas de Cultura y de Salud, a través de planes nacionales instituidos en todo el territorio nacional, curiosamente, no en la Educación, su campo de acción y reflexión, donde la incorporación de su vasto cabellón sigue siendo resultado de experiencias puntuales y aisladas. De su relación con la Pedagogía popular, Roberto da Silva, profesor de la Universidad de São Paulo, recuerda que, en Brasil, "Pedagogía Social y Educación Popular no sólo se confunden, pero tiene en Paulo Freire uno de sus pioneros," aunque Paulo Freire no haya escrito sobre el tema. "En el presente artículo, pretendemos aproximar el concepto de Pedagogía Social, desde el horizonte en que nace en medio de la revolución industrial alemana, al concepto de inacabamiento propuesto por Paulo Freire y que converge para la valorización y la defensa de la persona contra toda forma de opresión, autoritarismo o alienación.

Palabras clave: Pedagogía social. Educación popular. Dialogo.

Introdução

A Constituição Federal, em seu artigo 205, enuncia que a:

A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Referendando tal princípio, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394, aprovada em 1996, no artigo 1º, expressa que:

A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Se toda educação é um processo intencional de formação do indivíduo para viver e conviver socialmente não apenas como cidadão trabalhador, mas como pessoa, como um ser integral, e se ela acontece e se desenvolve ao longo de toda a vida, ou seja, desde a concepção de um novo ser até sua morte, é possível dizer que os princípios constitucionais que orientam a LDB estão em consonância com o conceito de educação social.

O princípios constitucionais apontam para a necessidade de a educação ser exercida para além da ação individual, como ação coletiva comunitária, em âmbitos em que as pessoas encontrem-se contempladas em suas necessidades fundamentais e assistidas em seus direitos básicos.

E, apesar de ambas, a Constituição Federal e a Lei nº 9.394/1996, reduzirem a responsabilidade do Estado, restringindo sua tarefa às questões da “educação escolar” e do “ensino regular” sem estabelecer relações com as demais perspectivas educativas que regem a formação integral do ser humano, não se deve perder de vista que toda relação social é educativa e envolve um modelo de convívio social.

Nesse aspecto, apresenta-se a pedagogia social, campo de estudo no qual a conexão entre educação e sociedade se imbricam; disciplina que

busca pensar ações estratégicas e educativas nas quais ação e teoria se combinam como crítica à educação focada no desenvolvimento dos indivíduos, considerando as dimensões sociais de sua existência e visando abranger todas do ser social.

Por abranger todas as relações do ser humano, de sua existência e de sua convivência social é que o processo educativo não se dá única e exclusivamente em determinada etapa da vida, o período escolar acadêmico, mas é um contínuo que envolve todos os âmbitos relacionais do indivíduo; assim, a pedagogia social apresenta-se como reflexão e prática de questões sociais, psicológicas e culturais, além das cognitivas, que envolvem o ensino e aprendizagem no âmbito escolar acadêmico.

No presente artigo, pretende-se aproximar o conceito de pedagogia social, desde o horizonte em que ela nasce em meio à revolução industrial alemã, do conceito de inacabamento, proposto por Paulo Freire, que “se tornou sinônimo de Educação Popular, ainda que não tenha sido o autor original desta concepção teórica”. Ele é apresentado “como um dos pioneiros da Educação Social e da Pedagogia Social, ainda que não tenha escrito sobre o tema” (SILVA, 2016, p. 182).

Paradoxalmente, reforça Silva (2016, p. 183):

[...] a influência de Paulo Freire é reconhecida em todo o mundo, mas no Brasil ela está presente nas políticas públicas de Cultura (BRASIL, 2013)³ e de Saúde (CONASS, 2013)⁴, por meio de planos nacionais instituídos em todo o território nacional, mas não na Educação, onde a incorporação de seu vasto cabedal ainda é resultante de experiências pontuais e isoladas.

A pedagogia social

De modo geral, pode-se dizer que a pedagogia social é a reflexão e a investigação acerca da práxis socioeducativa. Refere-se à:

[...] educação do homem integral, em todas as suas relações com a sociedade, inclui a diversidade individual e social, abrange as transformações e os avanços do conhecimento e se dirige a todas as faixas etárias e a todas as etapas da vida (MACHADO, 2009, p. 4).

Para Maria Stela Santos Graciani, autora da obra *Pedagogia Social de Rua* (2005), a Educação Social é uma prática reflexiva e problematizadora, construída por sujeitos que estão em relações de interação e em processos contínuos, abarcando três aspectos: a ação (vivência no mundo), a reflexão (sobre o vivido e sua realidade) e uma nova ação (busca contínua por uma nova atuação que supere a situação vivida individual ou coletivamente, constituindo inéditas formas de ser e existir na sociedade (GRACIANI, 2015, p. 86).

Em resumo, associada à educação popular e à educação comunitária, a pedagogia social, no Brasil:

[...] é a responsável em promover a libertação, a autonomia e a emancipação do sujeito, desenvolvendo nele o desejo de ser mais, de ser protagonista da prática histórica e de que cada um encontre o seu lugar no seu tempo e no seu espaço (GRACIANI, 2015, p. 87).

Presente já nas reflexões platônicas em torno da educação e de sua função na vida social, perpassando as formulações filosófico-pedagógicas de Rousseau, Kant, Marx, Durkheim, o termo “pedagogia social” apareceu pela primeira vez na Alemanha, por volta de 1844 na *Pädagogische Revue*. No entanto, apenas em 1898, com P. Natorp (1854-1924), que, com a publicação de “*Sozialpädagogik: Theorie der Willenserziehung auf der Grundlage der Gemeinschaft*”, tornou-se, segundo Mario Pollo (2004, p. 11), o primeiro pedagogo a elaborar uma teoria da educação social, seja como saber teórico, seja como saber prático.

Explica Pollo (2004, p. 12) que a obra de Natorp se “coloca no interior de um movimento de pensamento, que tem sua origem Fichte, que via no individualismo a causa da perda de parte da nação alemã de sua grandeza”.

De tal modo:

Natorp concebe a Pedagogia social como um antídoto ao individualismo e estrutura o seu pensamento em torno do conceito de comunidade, enquanto ele sustentava que “Toda a atividade educativa é fundada sobre a comunidade. O indivíduo humano isolado é uma mera abstração, a mesma do átomo na física, porque na realidade não existe o homem sem a comunidade humana”, e que o “homem se torna homem somente mediante a comunidade humana” (POLLO, 2004, p. 12).

E continua Pollo (2004, p. 12):

Para Natorp aquilo que caracteriza a comunidade é a solidariedade e, portanto, a capacidade de cada pessoa que dela faz parte de ser responsável nas relações com os demais. De fato, segundo ele, a comunidade existe apenas quando se é “todos por um e um por todos”.

Além do conceito de comunidade, segundo Pollo, outros dois conceitos-chave constituem o corpo da pedagogia social natorpiana: os conceitos de linguagem e de vontade.

A linguagem humana é por ele considerada importante para o conhecimento do que para a formação da consciência, a qual se desenvolve apenas na relação com os outros (POLLO, 2004).

Quanto à vontade, sua formação depende da estética, da intelectual, da religiosa. Para ele, então, da educação da vontade depende toda a educação (POLLO, 2004).

Um passo importante para a construção de uma pedagogia social na Alemanha, a partir de Natorp, foi dado por Herman Nohl (1935). Ele foi responsável pelo estabelecimento da pedagogia social como disciplina autônoma que enfatiza a transformação e a emancipação social. Na mesma linha, devem ser mencionados Klaus Mollenhauer e Thiersch, que aproximaram a pedagogia social da sociologia crítica.

No percurso de seu desenvolvimento, é possível reconhecer que a pedagogia social busca oferecer instrumentos de reflexão e ações que produzam o amadurecimento pessoal e social, desde os vínculos de ações fundamentadas nos valores e princípios sociais e comunitários, que conduzam ao processo formativo, privilegiando a democracia e a cidadania, buscando ajudar o indivíduo a se realizar do melhor modo possível, sem desvincular-se da vida social, de suas normas de convivência e de participação comunitária.

No Brasil, a pedagogia social é uma área em construção que vem se consolidando como campo de ensino, de pesquisa e de formação profissional e tem em Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto, Sueli Pessagno Caro, Maria Stela Graciani, Rogério Moura, entre outros, seus principais articuladores. E a terminologia pedagogia social surgiu atrelada ao conceito de educação popular, no bojo do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932), propondo uma escola laica, gratuita,

obrigatória, pública sob responsabilidade do Estado. O Manifesto constituiu uma concepção de educação popular que significou a tentativa de democratização do acesso das massas à educação, com destaque para as ênfases na cidadania, na formação integral, na convivência solidária, no fortalecimento político dos movimentos sociais, associações comunitárias e projetos socioeducativos.

Segundo Moacir Gadotti (2012, p. 19), quanto à educação popular:

Trata-se de um paradigma teórico nascido no calor das lutas populares que passou por vários momentos epistemológicos e organizativos, visando não só à construção de saberes, mas também ao fortalecimento das organizações populares.

[...]

Em suas origens está: o anarquismo do proletariado industrial do início do século passado; o socialismo autogestionário; o liberalismo radical europeu; os movimentos populares; as utopias de independência (nacional-desenvolvimentista); as teorias da libertação e a pedagogia dialética.

Nesse contexto, a terminologia “pedagogia social” surgiu apresentado pela primeira vez por Fernando de Azevedo. No entanto, observa Machado (2012, p. 6), em Fernando de Azevedo, que tal terminologia “não tinha a intenção de indicar uma nova área do conhecimento, mas sim defender que a educação que eles pensavam para o povo brasileiro deveria ser conscientizadora e proporcionasse a transformação da realidade”.

Até os anos de 1950, segundo Gadotti (2012, p. 18), “a educação popular era entendida como extensão da educação formal para todos”. E a partir dos anos de 1950, passou a ser entendida “como educação de base, como desenvolvimento comunitário. Daí ela ser chamada também de educação comunitária” (GADOTTI, 2012, p. 18).

Em sua história:

A educação popular deu suporte a um dos mais ambiciosos programas brasileiros de alfabetização, proposto pelo ministro da educação do Governo João Goulart, Paulo de Tarso. Paulo Freire assumiu o cargo de coordenador do então criado Programa Nacional de Alfabetização, a partir do qual, utilizando seu método, pretendia alfabetizar 5 milhões de adultos em mais de 20 mil círculos de cultura em todo país (BRASIL, 2014, p. 5).

No entanto, a ditadura militar alterou significativamente o sentido da política pública de educação. Além da repressão às organizações populares e destruição da memória de diversas experiências de educação popular, um dos primeiros atos do regime militar foi a interrupção do Programa Nacional de Alfabetização, ainda em abril de 1964. A resistência à ditadura e a luta pela redemocratização, que se estenderam até fins dos anos de 1980, marcaram o fortalecimento dos movimentos de educação e da educação popular como instrumento de organização dos movimentos populares.

Principalmente na década de 1980, os processos de organização social e popular representaram expressivas experiências de formação de consciência coletiva potencializadora da luta por direitos e reformas sociopolíticas, como no movimento sindical urbano, movimento estudantil, movimentos populares, movimento popular de saúde, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Conselho Indigenista Missionário, Pastoral da Terra, etc. (BRASIL, 2014, p. 19).

No presente, a educação popular preenche um enorme mosaico de ações de formação e de cultura voltadas para a construção democrática de um projeto de nação e de mundo que supere as desigualdades que ainda marcam nosso tempo.

Nesse processo, é de se destacar Paulo Freire, que, em seu arco histórico, produziu um conjunto importante de categorias, tais como dialógicidade, conscientização, amorosidade, criticidade etc., que contém em si ideias-força capazes de balizar e orientar os processos de uma pedagogia social, em seu trabalho cotidiano por uma educação emancipadora, democrática, cidadã.

Dos muitos conceitos freireanos, coloca-se em relevo o de inacabamento, que converge para a valorização e a defesa da pessoa contra toda forma de opressão, autoritarismo ou alienação, e, na perspectiva da pedagogia social, é uma pedagogia voltada para a libertação da pessoa concreta, inserida na história, que privilegia a valorização da comunicação e do diálogo, a confiança na capacidade do ser humano em refazer-se e refazer a história.

Do pensamento freireano

O ser humano, explica Karl Jaspers (1973, p. 47), “foi definido como ser vivo dotado de palavra e pensamento (*zoon logon echon*)”. E o filósofo continua a elencar uma série de definições do humano: *zoon politikon*, *homo faber*, *homo laborans*, *homo oeconomicus*.

Cada uma dessas definições, explica Jaspers (1973, p. 48), leva em consideração uma característica, mas:

O essencial não está presente: o homem não pode ser concebido como um ser imutável, encarnando reiteradamente aquelas formas de ser. Longe disso, a essência do homem é mutação: o homem não pode permanecer como é. Seu ser social está em evolução constante [...] se reconhece ligado à nação, à raça, ao sexo, à própria geração, ao meio cultural, à situação econômica e social e que, não obstante, de tudo se pode afastar, colocando-se, por assim dizer, fora e acima de todas essas estruturas em que historicamente se encontra imerso.

Em resumo, pode-se dizer que Jaspers ensina que os seres humanos precisam aprender a se humanizar; e o que dá um sentido à vida humana e à “hominização” (termo freireano) é a inserção consciente, transformadora no processo sócio-histórico-cultural de humanização do mundo.

Leitor de Jaspers, Paulo Freire considera o gênero humano como o único entre as espécies vivas, que não tem seu *modus vivendi* já estabelecido ao nascer. Definindo os sujeitos existentes, para Freire, diferentemente dos animais, que “estão simplesmente no mundo”, “imersos no tempo”, os seres humanos são seres históricos que estão inseridos no tempo, e não imersos nele, que “se movem no mundo, capazes de optar, de decidir, de valorar. Têm o sentido do projeto, em contraste com outros animais, mesmo quando estes vão mais além de uma rotina puramente instintiva” (FREIRE, 2015, p. 68).

Ainda segundo Freire, os seres humanos, “podendo romper essa aderência e ir além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam” (FREIRE, 2015, p. 108). E conclui: “Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se” (FREIRE, 2015, p. 108).

De tal modo:

Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência, e se pergunta em torno de suas relações com o mundo (FREIRE, 2015, p. 108).

Paulo Freire, então, relaciona como domínio da existência o mundo do trabalho, da cultura, da história, dos valores. Assim, em “Pedagogia da Autonomia”, Freire (2016, p. 57) assevera que:

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vistas sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

Em resumo, segundo Trombeta e Trombeta (2015, p. 221):

A concepção antropológica de Freire é marcada pela ideia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo. Somos seres insatisfeitos com o que já conquistamos. Estamos sempre nos fazendo, refazendo, começando, recomeçando. O humano não é, ele se conquista, faz-se por meio de suas ações no mundo, na história. Em cada ponto de nossa vida, não somos ainda tudo o que poderíamos ser e o que ainda poderemos vir a ser. Para nós, seres humanos, o processo de conquista de nossa humanidade nunca está pronto. Nenhum humano é jamais tudo que pode ser. Há sempre mais a saber, a amar e a fazer. O humano jamais acaba de tornar-se humano.

Para Trombeta e Trombeta (2015, p. 222), então, na perspectiva freireana de inacabamento:

O núcleo da educação humana se encontra na inconclusão. Uma vez conscientes desta realidade nos lançamos na aventura sem fim de nos realizar, de fazer a história e nesse refazer nos realizar como sujeitos históricos... É essa condição de inacabamento que nos enche de esperança em relação ao futuro, pois sabemos que sempre podemos ser mais humanos do que já somos.

É aplicando, pois, o domínio da existência à razão da educação que Paulo Freire (2015, p. 67) defende que “toda prática educativa implica uma concepção dos seres humanos e do mundo” e vincula ao “sujeito existente” o conceito de inacabamento.

Segundo ele, “onde há vida, há inacabamento, mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 2016, p. 50). E a inconclusão que o sujeito existente reconhece a si mesmo implica necessariamente a inclusão do sujeito inacabado em um permanente processo social de busca. Destarte, para Freire (2016, p. 56), “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num movimento de busca”, busca que se dá pela educação, pois:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade (FREIRE, 2016, p. 57).

De acordo com Trombeta e Trombeta (2015, p. 222), “Para Paulo Freire, é impossível entender o fenômeno educativo sem compreender o ser humano e seu ser no mundo”. E, segundo ele, “não nascemos humanos. Somos o que a educação faz de nós”. E os “seres humanos são educáveis porque sua existência é marcada pela incompletude, pela abertura”.

Nos dizeres do próprio Paulo Freire (2016, p. 57),

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade.

Sob a insígnia, então, do inacabamento, em Paulo Freire, a educação apresenta uma dupla dimensão: política e gnosiológica. A dimensão política é a leitura de mundo e proporciona os fundamentos da dimensão gnosiológica, a qual é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências. A interação entre essas duas dimensões constituem-se em práxis, isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nessa ordem, resultante de uma leitura consciente do mundo e de suas relações naturais e sociais.

Fora dessa práxis, forma especial de dialética, o conhecimento resulta idealista ou alienado, e o fazer torna-se meramente mecânico, irrefletido e ativístico.

Em Freire, o ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela, e desta para uma nova ação.

Assim, do ponto de vista do inacabamento, a educação pressupõe uma epistemologia dialética e um método que lhe corresponda – método que ele denomina práxis.

A práxis educativa que se desenvolve, então, é a prática consciente que implica reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência. E, por conta da dialética ação-reflexão, homens e mulheres podem afirmar-se como sujeitos, seres de relação no mundo, com o mundo e com os outros, pela mediação do mundo-linguagem. Aqui está a sua defesa de que a prática educativa comporta uma politicidade que a impede de ser neutra.

No desenvolver da práxis, a consciência de inacabados carrega um elemento muitas vezes lembrado por Freire, o da eticidade indissociável da educação. Para Freire, (2016, p. 58) de fato:

O inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desprezar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão.

A consciência de inacabamento que envolve o ser humano, por fim, abre-se para outro aspecto importante da pedagogia freireana, o da esperança, que o faz proclamar: “eu sou um ser da esperança... Daí que uma

das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza” (FREIRE, 2016, p. 71).

Em “Pedagogia da Esperança”, Freire (2014, p. 14-15) ressalta que “a esperança é necessidade ontológica... Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate... Daí a precisão de uma certa educação da esperança”.

Por esse valor que ele atribui à esperança, conclui:

Por tudo isso, me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com a injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa (FREIRE 2016, p. 71).

Creio que este último parágrafo mapeia os elementos essenciais da pedagogia freireana que o coligam com os pontos de uma autêntica pedagogia social: abertura para o novo, ojeriza ao mal, luta contra a impunidade, recusa do fatalismo, criticidade esperançosa. Elementos que se ancoram nos seres humanos, em sua consciência de, sendo inacabados, estar lançados a ser mais.

Considerações finais

Em síntese, pedagogia social reconhece e defende que a educação do indivíduo está condicionada à sociedade, e, por sua vez, que a vida social e toda educação são, por um lado, social e, por outro, individual. Dessa perspectiva, conclui-se que o homem só se faz homem mediante a sociedade humana. O homem não cresce isolado nem tão só contíguo a outro, mas vive sob a múltipla influência dos outros e em constante relação com os outros. A pedagogia social considera também que a sociedade em si não é um fato, uma realidade histórica; antes é uma aspiração, uma ideia ainda a ser atingida, sob o signo de humanidade. Assim, ela se propõe a instigar uma educação não para uma situação nacional ou política particular, mas para a humanidade.

No Brasil, a pedagogia social está intimamente ligada ao movimento de educação popular que tem em Paulo Freire seu maior baluarte.

O núcleo da educação freireana se encontra na inconclusão, isto é, no conceito de que o humano é um ser de relações em constante vir-a-ser. Uma vez consciente dessa realidade, lança-se na aventura sem fim de se realizar, de fazer a história e, nesse refazer, realizar-se como sujeito histórico.

Nesse processo, a educação deveria constituir-se como práxis, dialética ação-reflexão, dialogicidade conscientizadora-libertadora, em que se deve ter presente nosso caráter de inconclusa, considerando que:

A pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (FREIRE, 2014, p. 138).

Dessa condição de inacabamento, deve a pedagogia social se apropriar, pois ela sustenta a esperança que Paulo Freire nutria em relação ao futuro e que impede a acomodação pragmática à realidade ou a fuga para idealismos infrutíferos incapazes de interferir na história.

É a partir do inacabamento humano, riqueza existencial e de infinitas possibilidades, que a educação, fenômeno tipicamente humano, torna-se possível. Aprende-se e educa-se porque são seres inacabados e incompletos; segundo Paulo Freire, o termo consciência desse inacabamento, da abertura infinita ao aprimoramento, ao ser mais, torna-os educáveis.

Assim, a perspectiva histórica do seu pensamento se funda na afirmação de que a própria história é um contínuo inacabado, e, dessa forma, os seres humanos, enquanto seres históricos, também constituem humanamente pela sua inconclusão. E, como seres inconclusos vocacionados ontológica e historicamente para realizarem sua felicidade, os homens e as mulheres são chamados a um engajamento político e social no mundo, e esse engajamento é a concretização da práxis humana.

Nesse sentido, centrado no inacabamento, como possibilidade da transformação-libertadora, que cada homem e cada mulher portam em si a utopia e a esperança de sua pedagogia, estendendo-a à pedagogia social, confirmando que toda pedagogia social é utópica e esperançosa. A ênfase que Freire dá à dimensão de inacabamento em sua pedagogia ressalta seu caráter humanista e libertador e sua pedagogia como reflexão oníabrangente do ser humano, reconhecendo seus valores, seus limites, seus anseios, suas possibilidades de liberdade e sua abertura para o inesperado: o ser mais, sua “vocação ontológica.

Notas

1 Mestrando em Filosofia. Integra o Grupo de Pesquisa em Filosofia da Educação (GRUPEFE) na Universidade UNINOVE. Atua como educador popular em uma instituição do 3º setor e como agente educacional na Fundação Casa. E-mail: cdomingos@usp.br

2 Mestre em Filosofia e Educação. Professor da Faculdade Unida de Suzano e da Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI. Áreas de pesquisa: filosofia latino-americana, filosofia política e formação para cidadania.

3 BRASIL. Ministério Da Cultura. As metas do Plano Nacional de Cultura. Brasília: Ministério da Cultura, 2013.

4 CONASS. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Brasília, 2013 (Nota Técnica 16).

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 out. 1988.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Brasília: Secretaria Nacional de Articulação Social/Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã, 2014.

DA SILVA, Roberto. Os fundamentos freirianos da Pedagogia Social em construção no Brasil. **Pedagogia Social - Revista Interuniversitaria**, v. 27, p. 179-198, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um encontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Proceedings online...** São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

GRACIANI, Graziela Dantas. **A função social da escola pública brasileira: um estudo exploratório.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – USP, São Paulo, 2015.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico.** São Paulo: Cultrix, 1973.

MACHADO, Érico Ribas. As relações entre a pedagogia social e a educação popular no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Proceedings online...** São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/24.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Pedagogia social No Brasil: políticas, teorias e práticas em construção. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2009. Disponível em: <http://www.valecursos.com.br/2016/wp-content/uploads/2014/09/artigo_-Pedagogia_Social1-Evelcy.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

POLLO, Mario. **Manuale di pedagogia sociale.** Milano: FrancoAngeli, 2004.

TROMBETA, Sergio; TROMBETA, Luis Carlo. Inacabamento. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** São Paulo: Autêntica, 2015.